

# **A Atualidade da Ética Epicurista**

**Davidson Sepini Gonçalves<sup>1</sup>**

## **INTRODUÇÃO**

O epicurismo, embora remonte à antigüidade greco-romana, tem retornado às discussões acadêmicas com certa freqüência. E particularmente a ética epicurista chama a atenção pela simplicidade de sua proposta ligada à profundidade de sua reflexão em torno de temas fundamentais que permeiam a existência humana.

Propomo-nos aqui a verificar a validade da ética epicurista nos dias atuais. Dadas as condições histórico-culturais, tentamos identificar os elementos da ética epicurista que, analisados sob a ótica atual, seriam capazes de chamar a atenção das pessoas para um projeto de vida que pretende estabelecer uma sociedade composta por seres verdadeiramente equilibrados e felizes.

Procuramos analisar a ética epicurista a partir da visão grega de ética e dentro do contexto histórico helenístico. Buscamos desvendar os conceitos mais importantes trabalhados por Epicuro e discutimos a importância do conhecimento como veículo que possibilita o sucesso da empreita epicurista.

Através de um breve relato sobre a vida no jardim, tentamos mostrar como se dá na prática o pensamento de Epicuro e depois relacionamos os principais pensadores que, de certa maneira, deixaram-se influenciar pela filosofia epicurista.

Finalmente, ao analisarmos de forma sucinta o projeto de vida que se instalou a partir da modernidade e buscamos no epicurismo algumas pistas que fomentem a discussão ética nos dias atuais.

---

1. Mestrando em Filosofia pela PUC-Campinas e bolsista CAPES.

## A ÉTICA EPICURISTA

Para entender a ética Epicurista é preciso entender Ética como os gregos entendiam: um estilo de vida ou uma estética da existência cujos referenciais são a Phýsis e o Kósmos. Portanto, é a ética da excelência, da virtude e do bem. Mas estes atributos não são dádivas, devem ser conquistados a cada dia, mesmo que para isto seja necessário empregar uma estratégia, uma técnica elaborada racionalmente. O resultado é a saúde, o equilíbrio das forças, o resgate da harmonia que vem do cosmos e da natureza. A partir daí estabelecem-se duas possibilidades: a saúde da cidade, um projeto político voltado para a participação nas decisões sobre o destino da pólis, e a saúde interior, projeto ético voltado para dentro do ser humano, para a busca de uma vida feliz, serena e prazerosa, mesmo nas adversidades.

Quanto à primeira possibilidade, observamos que Epicuro vive numa época verdadeiramente conturbada, seja no plano político, seja no filosófico. O chamado período helenístico é marcado pelo domínio macedônio quando os cidadãos gregos já não decidem politicamente, e culturalmente sofrem grandes influências. As monarquias impedem a participação política e as decisões são centralizadas no soberano e seus colaboradores diretos. Na filosofia, as muitas interpretações das teorias socráticas dão um caráter de relatividade às máximas, outrora tão bem definidas como a “verdade”, o “bem” e a “virtude”. “As consciências gregas encontravam-se em grande confusão”. (Brun, 1987)

Resta portanto uma segunda possibilidade, uma ética voltada para o interior do ser humano que se consolida como a ética de uma vida feliz, pautada na eliminação dos medos e na convicção da capacidade humana de atingir a felicidade. A busca do prazer “natural”, encontrado nas coisas simples da vida e na amizade, associada à ausência das perturbações e da dor, possibilitam a realização de uma vida feliz.

Mas não se trata de um projeto individualista uma vez que está calcado na amizade, no compromisso e no sacrifício, em que não há espaço para a solidão e o egoísmo.

O sábio, posto à prova nas necessidades da vida, sabe mais dar generosamente do que receber: tão grande tesouro de íntima segurança e independência dos desejos possui em si (Sent. Vatic, 44 In: Mondolfo, 1967).

Os Epicuristas dizem algures que é mais doce fazer o bem do que recebê-lo. (Plutarco, *Non posse suaviter etc.*, XV,4 In: Mondolfo, 1967)

É a ética epicurista a ética da sabedoria, que possibilita a realização, a plenitude da vida humana, que por sua vez acontece na prática diária e que se torna mais importante que o conhecimento científico.

Epicuro, enquanto reafirma a necessidade da ontologia como fundamento da ética, inverte a hierarquia platônico-aristotélica e declara a ética superior à física (à ontologia). À ciência e à sophia superpõe-se a phrónesis, a sabedoria. (Reale, 1994).

A importância que Epicuro dá à ética sinaliza uma tentativa de se criar um estilo de vida universal e atemporal que, por estar sendo elaborado num momento adverso e pela riqueza de seus elementos, mostra-se viável nas diversas culturas e mentalidades.

O fato de a ética epicurista estar sustentada na interiorização da liberdade, da virtude, da solidariedade e da justiça, confere-lhe um caráter independente e autônomo diante das mudanças estruturais das sociedades historicamente constituídas. A edificação de uma estrutura interior sólida possibilita aos seres humanos a vivência feliz, independentemente dos atropelos causados pelos conflitos políticos e econômicos que permeiam todas as conjunturas sociais.

Mas o que possibilita o desenvolvimento de uma teoria tão rica e intrigante é a visão que Epicuro tem do prazer. Escreve ele: “*o prazer é o início e o fim de uma vida feliz*” (*Carta sobre a felicidade: a Meneceu*). E por prazer entende Epicuro a ausência da dor física e a imperturbabilidade da alma. “*Pouco é necessário, naturalmente, pelo que diz respeito ao corpo: tudo o que suprime a dor pode dar-lhe ao mesmo tempo numerosas delícias*” (Lucrécio, *Da Natureza*, livro II, 20). Mas este “pouco” a que se refere Lucrécio, torna-se muito quando entendido não como uma negatividade da vida e sim como a conquista de uma autonomia que permita o controle das sensações que constituem a existência humana. A “supressão” transforma-se em conquista de um espaço extremamente profícuo onde transitam: o discernimento, para que se possa escolher os prazeres verdadeiros; a autonomia, para que não se deixe influenciar pelos falsos prazeres e a integridade, para que se possa transmitir aos outros as conquistas.

O remédio que deve ser usado e disseminado é o *tetraphármakon*, aquele que ataca as crendices e a ignorância: Não há o que temer quanto aos deuses, uma vez que os deuses têm seu próprio mundo, resolvido e plenamente feliz. Há sim que imitá-los em sua serenidade e autonomia. Não há nada a temer quanto a morte pois quando ela chegar, já não estaremos aqui para senti-la. A sensibilidade é própria de quem vive. Pode-se alcançar a felicidade uma vez que se trata de um atributo humano, natural, que a ignorância desvirtua. A felicidade está nas coisas simples, no momento presente, vivido sem ansiedade. Pode-se suportar a dor pois quando ela é forte demais perdemos os sentidos. Quando ela se prolonga é porque trata-se de algo suportável e não deve ser empecilho para a felicidade.

São portanto as atitudes humanas diante de problemas como o medo e a sensação de impotência que fazem da ética epicurista uma ética ativa, marcada pela racionalidade e o culto ao conhecimento.

Eliminados os medos e alcançada a autonomia, resta viver uma vida prazerosa junto aos amigos. Mas os prazeres também devem passar pela racionalidade sob o risco de se voltar ao estado de dependência e instabilidade. Os verdadeiros prazeres, os naturais, encontram-se na medida, no equilíbrio e nunca no desmedido e na insensatez. O modelo é o modelo da natureza, que nunca pede mais do que é necessário. O corpo não tem fome mais do que se precisa comer e o espírito não invoca mais do que o mínimo para manter-se sereno. A justa medida traz a possibilidade da realização plena da existência, estável e feliz.

## O CONHECIMENTO

Fica claro não tratar-se de uma tarefa simples a de atingir o resultado esperado por Epicuro. Esta tarefa requer principalmente conhecimento sobre a natureza e sobre as forças que a regem. Conhecer para não se deixar enganar. Conhecer para não se deixar dominar pelo medo e pela angústia. A coerência da ética epicurista está justamente na sua composição. A felicidade possível tem como ponto de partida a superação do que se lhe inviabiliza: a ignorância. O Conhecimento torna-se fundamental como critério para a ação da

verdade que por sua vez vai possibilitar a escolha correta. É instrumento extremamente útil para o objetivo final da filosofia epicurista que é o alcance de uma vida feliz. No entanto, é preciso saber conhecer.

São justamente as sensações – primeiro critério de verdade – que vão permitir a identificação dos procedimentos verdadeiros uma vez que para Epicuro, as sensações são sempre verdadeiras e nunca se enganam. São manifestações evidentes que chegam através dos sentidos de forma clara e precisa.

Não há evidência mais forte do que aquilo que sinto e percebo. Tenho fome, doem-me os dentes, vejo as folhas verdes, ouço o latido do cão, toco a espessa superfície da parede. Não há argumento, não há dialética que me faça não ter sentido o que senti, não ter visto o que vi. Enquanto tais, as sensações não me enganam nunca. (Moraes, 1998)

Além das sensações, também as pré-noções (prolepses) são usadas como critério para a determinação da verdade. Esta “memorização” da sensibilidade e sua posterior conceituação possibilitam o retorno à mente independentemente de uma nova sensação mas em função de sensações passadas. Uma vez originada da sensação, a prolepse é também verdadeira. “*Em ouvindo a palavra árvore, logo alguém sabe do que se está falando, porque recorda as muitas percepções que teve relativamente a uma árvore*” (Ullmann, 1996). Trata-se portanto de uma noção universal – árvore – independente de pertencer a este ou aquele tipo de árvore. Nota-se a importância que Epicuro dá ao significado das coisas no seu sentido mais profundo e claro. A compreensão é o principal elemento para uma adequada expressão de qualquer juízo ou pensamento.

Ainda um outro critério de verdade é utilizado por Epicuro: os sentimentos de prazer ou dor, que acabam tornando-se regras para a ação humana uma vez que, segundo ele, todos os sentimentos estão relacionados a um ou a outro, sendo que o prazer é inerente ao ser humano e a dor lhe é totalmente estranha. Neste sentido, os prazeres devem ser buscados, porque são próprios da natureza humana, e as dores evitadas, pois não fazem parte de sua natureza. Aqui encontra-se, ao que parece, um dos principais fundamentos da ética epicurista.

Seja qual for o critério usado, o importante é que apresentam uma estrutura de conhecimento baseada na verdade iminente. Mas de onde viria então o erro? Nunca das sensações, das prolepses ou dos sentimentos mas das opiniões que se formam sobre estes. As opiniões, estas sim podem ser verdadeiras ou falsas por fugirem ao instante evidente e dependerem de uma confirmação da experiência ou pelo menos não sofrerem sua contestação. “*A confirmação é o ato de compreender com evidência que o objeto da opinião corresponde à própria opinião*” (Sexto Empírico in Reale, 1994).

E as conseqüências das opiniões falsas, dos erros, podem ser danosas aos indivíduos e à sociedade uma vez que podem determinar ações equivocadas para a resolução dos problemas. Ações geralmente baseadas na superstição e na intervenção do sobrenatural na vida humana.

## A VIDA NO JARDIM

Por volta do ano 306 a.C. Epicuro, com a ajuda de alguns amigos abastados compra uma casa e um jardim. Lugar especial para a vivência de uma ética com características muito especiais. Uma retirada estratégica da praça pública, lugar onde não se pode mais estar com a mesma finalidade de antes. O jardim não pode ser considerado um esconderijo ou mesmo um lugar de isolamento. Antes uma opção criativa diante de uma situação adversa. Acostumados a uma vida política participativa, os cidadãos gregos, impedidos de dar continuidade ao seu projeto democrático diante da dominação de Alexandre, descobrem a possibilidade de continuar livres e serenos, convivendo com os amigos e produzindo textos para difundir as novas idéias. O jardim é a resposta de Epicuro a todas as atribulações sofridas pelos gregos e não só os reconhecidos cidadãos – e aqui está a grande novidade – mas todos os que desejam participar desse novo projeto de vida.

Encarnação da ética epicurista, a vida no jardim é uma vida simples, articulada em torno de suas máximas e que tem como carro-chefe a busca da serenidade e dos verdadeiros prazeres. A moderação está presente também na alimentação, em boa parte produzida por eles mesmos, que pretende manter o equilíbrio também do corpo. O desapego dos bens materiais e a ausência de

preconceito fazem do jardim um lugar tranqüilo, onde o trabalho intelectual se mistura ao cuidado da natureza. É nele que Epicuro encontra forças para suportar as dores causadas pela doença que o acomete e o acompanha até a morte.

A importância do jardim está na materialização de uma proposta radicalmente nova e que encontra sustentação nos exemplos do mestre. As conversas, e fundamentalmente a amizade constituem fatores determinantes de uma ordem humanista, edificada sobre os valores consagrados por Epicuro.

Unem-se teoria e prática num projeto ousado pela simplicidade em que a amizade tem lugar de destaque. *“De todas as coisas que nos oferece a sabedoria para a felicidade da vida inteira, a maior é a aquisição da amizade”* (Epicuro, In: Mondolfo, 1967). A amizade une os indivíduos livremente de maneira prazerosa ao contrário da justiça que a sociedade prega e se estabelece simplesmente como um pacto de não hostilidade. *“O amigo é, em primeiro lugar, um refúgio contra a sociedade (...) dominada pela luta competitiva de todos contra todos”* (Gual, 1996).

## O EPICURISMO DEPOIS DE EPICURO

A filosofia epicurista, de maneira especial sua ética, por seu caráter universalizante e inovador, continuou influenciando os pensadores que se sucederam e ao que tudo indica traz ainda uma carga de atualidade.

Epicuro morre em 270 a.C. mas até o século III depois de Cristo exerceu grande influência sendo mesmo divinizado entre seus seguidores. Fora do mundo helênico encontramos os que mais contribuíram para a difusão do epicurismo com destaque para o poeta Tito Lucrécio Caro que em sua obra *De Rerum Natura* influencia definitivamente o pensamento romano. Além de elogiar Epicuro em seu poema, Lucrécio vê no epicurismo uma resposta aos problemas que assolam a humanidade: a falta de liberdade e serenidade, a superstição e os desafetos.

O epicurista ressalta que o valor da filosofia repousa no que ela tem de útil. Oferecer respostas aos problemas que afligem os homens no cotidiano, prescindir daquilo que provoque o agitar

das paixões e ambições humanas, suportar os infortúnios apoiado na amizade de outros homens que também busquem essa finalidade, eis o que propõe Lucrecio a Mêmio. (Lana, 1998)

Outro destaque vai para as semelhanças entre as pregações epicuristas e cristãs principalmente no que diz respeito à tentativa de superar as credências, superstições e a própria astrologia. Mesmo o estilo de vida dos epicuristas no Jardim e a vida fraterna lembram a proposta cristã de igualdade. Também a ausência de discriminação torna a comparação inevitável.

Pode-se comparar a vida no Jardim a um monastério, no qual, entretanto, a única fé era a da felicidade possível para a condição humana. Os que ali viviam, mais do que meros correligionários, eram entranhadamente amigos. Eram, sobretudo, portadores de um ideal generoso: voltando as costas ao patriotismo estreito da “pólis”, inscreviam-se na tendência, que poucos séculos mais tarde seria canalizada pelo cristianismo nascente, à afirmação da fraternidade humana, portando do cosmopolismo, entendido como cidadania universal. (Moraes, 1998)

Tanto na era Carolíngia quanto na Renascença houve uma reabilitação de Epicuro com a divulgação de seus textos. Nomes como os de Erasmo, Giordano Bruno, Montaigne e Gassendi estão entre os que de alguma forma encontraram no epicurismo elementos de valor fundamental para enriquecer as discussões em seus momentos históricos. Chamava-lhes a atenção principalmente o humanismo advindo do Jardim e a mundividência epicurista, calcada na necessidade de se buscar na vida diária, a possibilidade de uma vida plena e feliz.

Aparte os elogios de Kant e as críticas de Hegel, foi o jovem Marx quem buscou em Epicuro sustentação para sua tese de doutorado intitulada *Diferença da Filosofia da natureza entre Demócrito e Epicuro*.

Sem dúvida, além do materialismo de Hume, adotado por Marx, também Epicuro terá exercido influência para que proclamasse ser a matéria a única realidade, em contínuo movimento dialético. A visão de Marx, atinente a uma sociedade sem classes, sem Estado,

não seria, também, uma retomada da crítica feita pelo mestre do jardim às injustiças sociais, oriundas das cidades faustosas, das “pólis”? (Ullmann, 1996).

Também Nietzsche admirou Epicuro a ponto de escrever:

Duas maneiras de consolar-se: Epicuro, que acalmou as almas da antiguidade moribunda, teve a admirável visão, tão rara hoje, de que, para o repouso da consciência, não é inteiramente necessária a solução dos problemas teóricos últimos. Por isso, bastou-lhe dizer ao povo a quem atormentava a inquietude do divino: “*Se há deuses, estes não se ocupam de nós, em lugar de discutir inutilmente sobre o problema último de saber se, definitivamente, há ou não há deuses...*” (Humano, demasiado humano, II, 2.7 In: Ullmann, 1996).

## O EPICURISMO HOJE

Resta-nos saber se o epicurismo representa ainda hoje uma significativa maneira de pensar assim como se sua ética é uma ética que se mantém expressiva diante da problemática existencial contemporânea.

Poderíamos partir de uma constatação: a sociedade contemporânea vive um “mal-estar” generalizado. A palavra chave é “crise”: ética, política, econômica, afetiva enfim, existencial. A tecnologia, o progresso, estabeleceram parâmetros existenciais que se mostraram ineficientes para dar ao ser humano, ou pelo menos à maioria deles, uma qualidade de vida satisfatória no que diz respeito às necessidades fundamentais e mais ainda aos desejos mais profundos de realização pessoal e porque não dizer, de felicidade.

Destituído de seus direitos fundamentais como liberdade, criatividade, identidade e alteridade cultural, o ser humano foi reduzido ao mercado de consumo, oscilando entre o espaço que vai do consumidor ao consumido. Perdeu o gosto pelas coisas simples, tornou-se escravo da mercadoria, dos objetos e do tempo.

No campo político a corrupção e os interesses de minorias dominantes ditam as atividades e selam o destino da grande maioria desguarnecida. Destino catastrófico, marcado pela miséria material e intelectual. O ser humano dito comum, sente-se impotente diante da

arrogância e da falta de humanidade dos governantes que submetem seus países às leis implacáveis do mercado financeiro em detrimento das necessidades básicas dos cidadãos.

Diante deste quadro, parece-nos interessante o resgate de uma ética que trate dos valores humanos de uma forma tão simples e ao mesmo tempo tão abrangente como a ética epicurista.

O que Epicuro percebeu e que os seres humanos de nosso tempo parecem não perceber é que os prazeres tanto podem contribuir para o enriquecimento da existência como podem contribuir para um estado de esvaziamento do ser que se vê envolto numa seqüência de necessidades e devaneios sem perspectiva e que culminam com a destruição dos mais importantes componentes existenciais humanos: a autonomia, a liberdade, a criatividade. Daí a necessidade de distinguir entre os prazeres verdadeiramente construtivos, aqueles que em nenhum momento criam dependência, alienação ou contribuem para a perda da dignidade. Nesta perspectiva o ser humano precisa rever sua postura diante do consumo, da sexualidade e das relações de poder. Autonomia é a palavra chave, relação inteligente, coerente com a possibilidade humana de entendimento dos fenômenos sociais e pessoais vividos e por viver. Grande contribuição a da ética epicurista quando mostra que o conhecimento é fundamental para que se possa identificar os verdadeiros prazeres. Conhecimento que elucidica o cotidiano de forma a evidenciar os acertos e os equívocos das ações humanas possibilitando a escolha de caminhos que viabilizem a realização da vida feliz.

Mostra-se também bastante própria para os dias de hoje a luta travada por Epicuro contra a superstição e as crenças sobrenaturais. Vemos um mundo dominado pelo culto aos deuses que, através de seus “representantes na terra” prometem prosperidade e solução fácil para todos os problemas. O culto aos objetos, às marcas, aos títulos e aos cargos mantém os seres hipnotizados e impossibilitados de enxergar as armadilhas postas no caminho, que impedem a realização da vida, uma vez que estabelecem um processo contínuo de inquietude e desassossego. A dependência e o medo, tão combatidos por Epicuro são hoje marcantes e ditam o comportamento da grande maioria das pessoas.

Epicuro desmitificou a dor e a morte, o que também se torna providencial em nossos dias. Em conseqüência ao medo e à

insegurança, o que se pensa hoje sobre a dor e a morte acaba também por prejudicar a vida no que nela há de melhor, sua própria natureza. O ser humano foge da dor e da morte. Ignora suas existências. Ao menor sinal de sua presença, providencia sua negação para também negar suas próprias limitações e a fragilidade de tudo o que conquistou neste mundo. O analgésico, a droga, eliminam imediatamente a dor e a simulação afasta a idéia da morte. Neste processo são cúmplices a família, os médicos e o próprio paciente.

Numa sociedade como a nossa, completamente dirigida para a produtividade e o progresso, não se pensa na morte e fala-se dela o menos possível. Os novos costumes exigem que a morte seja o objeto ausente das conversas educadas. Quando porém, apesar de tudo é necessário fazer alusões a ela, recorre-se a eufemismos que ajudam a disfarçá-la. (Maranhão 1985)

Epicuro pensou a dor e a morte como algo que, ao ser encarado e entendido, não impede a felicidade. A morte porque não pertence ao mundo sensível, não chegando portanto a nos alcançar e a dor porque é sempre passageira. Caso não seja, é suportável. *“Habituá-te a pensar que a morte não é nada para nós, porque todo bem e todo mal residem na faculdade de sentir, da qual a morte é, justamente a privação”* (Epicuro, *Carta sobre a Felicidade: a Meneceu*).

E Epicuro vai além quando lembra a todos a possibilidade de se buscar imagens prazerosas que substituam as dolorosas. Imagens passadas, guardadas na memória e que podem ser acionadas a qualquer momento. É um projeto de autonomia e integridade que faz do ser humano um ser que é capaz de direcionar suas sensações para a positividade, sem se deixar tomar pelo medo e pela insegurança. Ao invés de fugir da dor e da morte é preciso entendê-las para que não consigam interferir na existência feliz. Nas palavras de Epicuro, sobre a dor: *“Toda dor é facilmente desprezível: o que traz intenso sofrimento tem também breve duração, e o que dura por muito tempo na carne traz pequeno sofrimento”* (Sent. Vatic, 4 In: Reale, 1994). E sobre a morte: *“Não existe nada de terrível na vida para quem está perfeitamente convencido de que não há nada de terrível em deixar de viver”* (*Carta sobre a felicidade: a Meneceu*).

A morte e a dor só podem representar algo de ruim para aqueles que não as entendem. Entendendo-as como processos inerentes aos

seres e nunca como impeditivos para a vida feliz, não há por que supervalorizá-las, buscando soluções mágicas para eliminá-las.

Mas a grande contribuição do epicurismo para a sociedade contemporânea a meu ver é no que diz respeito à possibilidade de felicidade nas adversidades. A receita de Epicuro é contundente:

A quem não basta pouco, nada basta (...) A vida do insensato é ingrata, encontra-se em constante agitação e está sempre dirigida para o futuro (...) Se queres enriquecer Pítocles, não lhe acrescentes riquezas: diminui-lhes os desejos (...) Então quem obedece à natureza e não às vãs opiniões a si próprio se basta em todos os casos. Com efeito, para o que é suficiente por natureza, toda aquisição é riqueza, mas, por comparação com o infinito dos desejos, até a maior riqueza é pobreza. (...) Quando te angustias com tuas angústias, te esqueces da natureza: a ti mesmo te impões infinitos desejos e temores (Epicuro, *Antologia de Textos*, 1980).

Trata-se de perceber a natureza humana como voltada para a felicidade, portanto pouco necessitada de elementos compensatórios de pseudocarências. Epicuro divide os prazeres em dois tipos: Os naturais, também conhecidos como prazeres em repouso, são os verdadeiros pois não são frutos de carência e nem se transformam em pesares. Advém do controle humano sobre si e da capacidade de não se deixar levar pelas opiniões dos outros. Em contrapartida, existem os prazeres artificiais, prazeres em movimento – por isso nunca são saciados – são os falsos prazeres, criados pelos humanos diante da incapacidade de ver-se como ser autônomo.

Nossa sociedade já percebeu a necessidade de buscar alternativas aos excessos da civilização que se estabeleceu desde a modernidade. E a alternativa epicurista mostra-se interessante quando associa prazer à negação da corrida pela satisfação porque não muda o objeto da felicidade humana mas mostra meios diferenciados para conquistá-la.

Nem a posse das riquezas nem a abundância das coisas nem a obtenção de cargos ou de poder produzem a felicidade a bem-aventurança; produzem-na a ausência de dores, a moderação dos afetos e a disposição de espírito que se mantenha nos

limites impostos pela natureza (Epicuro, *Antologia de Textos*, 1980).

Não se trata de negar a civilização ou pregar a volta do ser humano ao estado selvagem mas, entender a necessidade de reverter o processo de construção e consumo de objetos nos quais encontra-se inserido até mesmo o próprio corpo humano. Só assim será possível a construção de uma ética verdadeiramente humanista e neste sentido, sem sombra de dúvidas, o epicurismo tem muito a contribuir.

## CONCLUSÃO

A ética epicurista, enquanto articuladora de um projeto existencial que aponta para uma vida serena e feliz, mostra-se bastante atual, e por que não dizer, necessária para o nosso tempo.

Tempo de mal-estar, de infelicidade, requer novos parâmetros e processos que viabilizem a melhoria da qualidade de vida das pessoas em todas as facetas que a vida humana apresenta.

Num momento em que os referenciais estão cada vez mais escassos e em que faltam modelos capazes de inspirar novas formas de vida e relacionamentos, o epicurismo com seus valores elaborados a partir de uma reflexão extremamente sofisticada sobre as aflições dos seres humanos, consegue trazer uma proposta revolucionária baseada na simplicidade e no desapego.

Ao buscar o verdadeiro sentido do prazer e pregar acima de tudo a autonomia humana como valor fundamental para a superação das suas limitações, o epicurismo mostra ao ser humano sua realidade que sem dúvida é paradoxal. Senhor do tempo e do espaço, encontra-se limitado e frágil em sua existência. Detentor da possibilidade de conhecimento, ao usufruir desta prerrogativa, é capaz de eliminar os temores que o atormentam, independentemente da conjuntura que o cerca.

A mensagem edificante do epicurismo é a prática do “cuidado”. O cuidado de si, o cuidado do mundo e o cuidado do outro, como se cuida de um jardim. Num mundo marcado pelo consumo desmedido, pelo prazer irresponsável, pela ostentação, pela vulgaridade e pela individualidade, talvez seja o momento de reaprendermos

a viver, buscando novos valores de solidariedade, amizade, lucidez, autonomia, integridade, prudência, liberdade e maturidade, fruto da sabedoria que possibilita encontrar “o prazer profundo e radical de estar vivo, inseparável da coragem de sofrer” (Moraes, 1998).

## BIBLIOGRAFIA

- BRUN, J. *O Epicurismo*. Trad. Rui Pacheco. Lisboa: Edições 70, 1987.
- DUVERNOY, Jean-François. *O Epicurismo e sua tradição antiga*. Trad. Lucy Magalhães. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1993.
- EPICURO, *Carta sobre a felicidade (a Meneceu)*. Trad. Álvaro Lorencini e Enzo Desl Carratore. São Paulo, UNESP, 1997.
- \_\_\_\_\_. *Obras Completas*. Trad. José Vara. Madrid: Cátedra, 1999.
- GUAL, C.G. *Epicuro*. Madrid: 1996. (Sección: Humanidades).
- LANA, R. de C. “*De Rerum Natura*”: Observações sobre a moral epicurista e alguns desdobramentos. *Anais do IV Encontro de Filosofia Analítica*. Florianópolis: NEL, 1998, pp. 211-21.
- MARANHÃO, J.L. de S. *O que é Morte*, São Paulo: Brasiliense, 1985.
- MONDOLFO, R. *O pensamento antigo*. Trad. Lycurgo Gomes da Motta. São Paulo: Editora Mestre Jou, 1967.
- \_\_\_\_\_. *La conciencia moral de Homero a Demócrito y Epicuro*. Buenos Aires: EUDEBA, 1968. (Colección Ensayos).
- MORAES, J.Q. de. *Epicuro: as luzes da ética*. São Paulo: Moderna, 1998. (Col. Logos).
- PESANHA, J.A.M.. As Delícias do Jardim. In: NOVAES, Adauto (org.) *Ética*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992, pp. 57-85.
- REALE, G. *História da Filosofia Antiga*. Trad. Marcelò Perine. São Paulo: Loyola, 1994, v. 3 (Série história da filosofia).
- ULLMANN, R.A. *Epicuro: o filósofo da alegria*. 2ª ed., Porto Alegre: EDIPUCRS, 1996.